



CABEÇADE  
**SOL**  
TREM TREM TREM TR  
EM CIMA  
DOTREM

---

um livro de thiago e | desenhos de joniel veras

revisar





cabeça de sol em cima do trem

pressa.....  
    começo.....  
som.....  
    estrela.....  
    muro.....  
propaganda.....  
        rede.....  
    o.....  
        língua.....  
desejo.....  
    amor.....  
tempo.....  
vruum.....  
    corpo.....  
página de notas.....  
        mar.....  
        céu.....  
        escuro.....  
        obverse.....  
        gagueira.....  
            hoje.....  
        a lenda do peixe francês.....  
palavrão.....  
    chofrer.....  
sopro no coração.....  
    lesma.....  
    cor.....  
chave.....  
    entendimento.....  
    superbonder.....  
hidrante.....  
    todos dizem eu te amo.....  
fome.....  
sangue.....  
    pressa.....  
manhã.....  
    trem (posfácio?) por amaral.....

a primeira vez que conheci thiago pessoalmente foi quando eu e nelson jacobina, há alguns anos, fomos fazer um show participando do festival do teatro luso-africano em teresina. logo fomos muito bem recepcionados pelo thiago, que nos apresentou o seu grupo de atividades culturais, que são seus amigos e amigas. enquanto gravávamos no seu estúdio longas entrevistas, muitas conversas iam surgindo, refletindo a multiplicidade e a criatividade do grupo. o livro *cabeça de sol* é interligado ao som musical da banda *validuaté*. em todas essas atividades, a imensa criatividade e personalidade e talento do thiago se irradiam.

é impossível falar do piauí sem a presença de torquato neto. no enorme turbilhão de criatividade da obra de thiago, se nota também a presença de torquato, e muito também a influência dos irmãos campos. mais ainda: reflete, em sua sonoridade, sua poesia, sua interpretação, seu ativismo cultural, toda uma novidade do brasil do século xxi. estão presentes também nas muitas culturas do imenso estado do piauí, que inclui também uma imensa parte amazônica. eu e jacobina tivemos o prazer de, quando chegamos para o festival, tocar com a banda *validuaté*. foram momentos inesquecíveis de belezas, surpresas e fascínios que ficarão para sempre no meu coração. tenho a grande alegria de ter uma parceria com ele numa canção. recomendo que ouçam e prestem muita atenção a tudo aquilo que fizer este poeta, intérprete, agitador cultural, pensador thiago, do *cabeça de sol*

jorge mautner

cabeça de sol em cima do trem

ou

audiovizuada

ou

zinema

ou

variedades em geral

ou

gozo borboletográfico

ou

custa os olhos da cara

ou

provisório e precário

ou

ardo-oro-te

ou

viva a dublagem brasileira

ou

por fervor

ou

atratores estranhos

PRESSA

*s.f. & m.*

o que primeiro se almeja de tudo    é o fim    | pinciano |

a pressa traz nos braços sua bagagem de atrasos ; distribui de bom grado relógios enferrujados ; engorda na avenida e ergue novos obstáculos ; a pressa pintou-se moça e diz dar conta do recado ; chegou cedo e abriu a fábrica pro operário ; a mil por hora faz máquinas muito rápido ; a pressa medida com fita métrica tem tamanho de máximo ; corre com as pernas bem abertas empurrada pelo horário ; não descansou com o funcionário e acendeu o asfalto ; a pressa abraça as ruas, os telhados, mas não se vê tentáculos ; ajudou a motorista a jantar, a juntar o salário ; a pressa mostra a pá com a qual enterrará o passado ; acabou com a festa dos pássaros no mato ; não seca o suor na testa do trabalho forçado ; se fez sangue e força destes dias, destes maíes ; constrói a época em que mais nada é acabado ; a pressa e trinta inícios por segundo por projetos ávido ; a pressa apenas, e apenas por pressa e princípios tem apreço ; a pressa só, sem limites, sem finais, sem desfecho – só começo :



!?

*s.m. & f.*

do começo não se sabe : se tem peso ou quanto vale, se hoje nasce ou vira nunca, ou é uma flor que abre em rugas ; do começo, sim, se sabe: como idéia, onde ele cabe ; mora dentro e foi embora – no espelho, é a cara do agora. o começo jamais muda ( feito o freio faz o lento ) tal qual a água queda em chuva, tal qual o ar se move em vento ; se constrói esse lugar de começo e mais começo – onde os pés podem dançar sobre um som que não conheço

ROCK – SOM

*s.f. & m.*

e para que poetas?! e escrever?! o autor que perdeu os olhos numa guerra responde assim, tateando um bem na terra : viver é só um possível de prazer. a vida, claro, pode até ser grande ( um gozo apenas, máximo e bastante ) mas, somente este verso sinto ter : viver é só um possível de prazer ; e como estes dois olhos se apagaram, tive de acender meu corpo e ouvidos – passei a ver prazer no som, não visto : pela vibração, poemas me serviram ; pelo pulso no corpo, e não sentido ; um murro de barulho, ou urro-bicho – pra gostar do som, poemas me serviram. com a pele e a orelha achei um bem possível, e hoje, o homem de escuro e negror pega, em vão, ruído que afague a vida cega. nestas trevas, a língua é luz, é míssil, é agrado, menos dor, zoada bela : feito o estralo da estrela que em mim se atrela

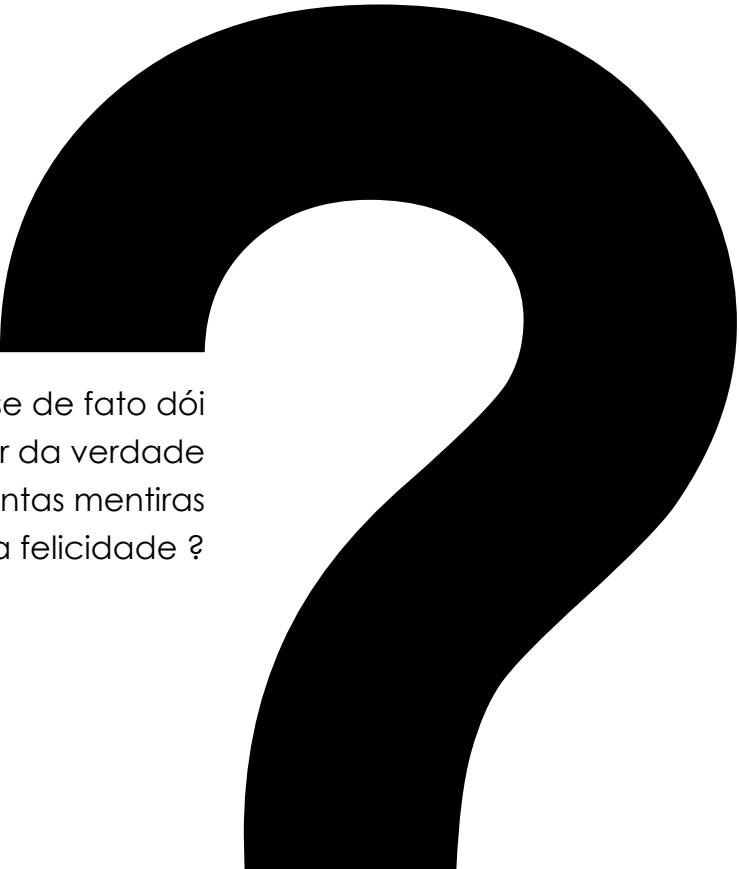
\_str\_l\_

MURO

*s.m.*

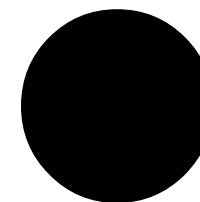
se gosta pelo brilho dessa estrela  
ou tanto encanto  
é ver beleza no não tê-la ?

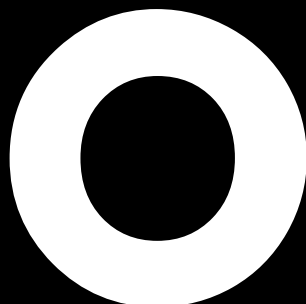
o que há dentro do muro não é assim tão bruto ; um pensamento sofre na argamassa que lhe cobre ; angústia o muro sente, desde antigamente : é cego todo sempre e só sabe apartar gente. há pouco ouviu do chão, com voz de escuridão, que existem as paredes – rijas tal qual ele ; a diferença é que elas têm uma janela, e assim, pela janela, a parede enxerga. janela é uma abertura – não dói, não sutura ; buraco sem reboco movendo-se no corpo ( se a obra tem janela, parede é o nome dela ) cimento e cal sem furo julgam ser um muro. o muro, truvo e mudo, pensa e pensa em tudo : sair daquele escuro e ver a luz do mundo, deixar de ser um muro abrindo em si um furo ainda que esse corte lhe tombe à nula sorte – não sabe como, ainda, mudar a sua química ( rejeita a vil certeza de não ter vista acesa ) deseja em seu chapisco, sim! correr o risco de ter a pele aberta e sentir o que é a janela ; e mesmo sem saber como vai ser outro ser, o muro quer saída, mudar, mover a vida – quer nem que seja a ida da simples dobradiça ; ou algo do porvir que lhe tire deste aqui



se de fato dói  
saber da verdade  
com quantas mentiras  
se faz uma felicidade ?

responda vapt vupt :  
a vida  
é mesmo sem saída  
ou todos os caminhos  
levam ao facebook ?





é que uma vez julgaram-n asquer s  
um ser estranh , c m lix n r st  
na verdade nã tem face, s ´ um lh  
e c nfunde-se a um beij bem rug s

f i quand aqui julgaram-n um est rv  
um pedaço de carne que dá n j  
um pelud e past s anel de c ur  
cuspind a p dridã de um tr ço p rc

e decret u-se enfim que é esse c  
lugar de sempre n ite, d mau g st  
p is nde s l nã bate vale p uc

ali a pele dá descarga e vira esg t  
e até h je é um mistéri extens e t d  
um burac eng lid pel c rp

*s.f.*

a língua é um triste molusco, chora um pranto negro e escuro ( molusco triste é essa língua ) lembra e lambe sua dor fina ; dentro da boca, tal molusco chora a falta do seu casco : quer de volta o tempo justo, voltar pra lenda do passado ; lenda velha, antes da boca, tinha concha e casa, escudo e força, mas, num mistério da matéria perdeu a parte mais eterna – se fez só língua e se desintegra ; a língua é um triste molusco já sem esperança, no escuro, de reaver seu casco, ter futuro, resigna-se com riso de chumbo ; como lhe resta ser mesmo língua, linguagem motor – sempre e ainda – é na boca pá e palavra ( fala igual como quem cava ) cava com o corpo um liso assoalho – chão de carnes gêmeas, molhado, buscando na cabeça o antigo casco : roupa e casa, escudo e agasalho ; a língua é um triste molusco, já não sabe se é carne ou um soluço – sem concha, se reinventa no escuro – sem cara, existe feito um espectro espasmo movimento um obgesto

## DESEJO

*s.m. & f.*

desejo não é dito, nem escrito – não dá pra traduzi-lo em vãos rabiscos. gemidos indistintos ( grossos finos ) só mostram que o desejo é sem juízo ; empurra o corpo prum desequilíbrio – na carne, feito vírus, tira o raciocínio, parece ser doença, um mal desconhecido, se nasce é pra morrer – bom é desejo findo ; desejo não é dito – é como um drama físico : ninguém agüenta apenas só senti-lo ; é estorvo ao bem-estar de um indivíduo e deve ser banido tal qualquer bandido ; desejo é o necessário aqui sumido, não pode mais ficar me precipício, qualquer um o quer morto, morrendo, indo... e que dele não reste pó, nem cisco ; desejo é junto início fim finício ; tão dentro e tão difícil, vil danisco ; quem dera nele BUM! matar com um tiro → não dá pra admiti-lo ficar vivo

## AMOR

*s.f. & m.*

amor é um lugar, um vão, um trecho ( chão sólido que ampara algum desejo ) terreno aqui criado – extenso e dentro : o amor é espaço, não um sentimento ; é um solo, lar, o amor é um lugar – tá vendo que em seu centro há de ficar tudo aquilo sentido no querer : vontade, dor, prazer, não sei o quê, palpitação, secura, um outro nome pra esta substância que consome. a gente sente o frio da mão do medo – que fogo dá um jeito nesse gelo? atração por ser belo aquele sexo, pulsação nesse úmido processo, artéria disparando e não espera : é fera que tem pressa e desembesta. afeto por completo, apego, tara – é fome, fome, fome e não se acaba. e o tanto que é sentido – onde pôr? o sentimento fica aqui – no amor; bem neste território de chão truvo erguido num relâmpago sem futuro ; no amor, esse tal raio em brasa brilha e dura o tempo de quem acredita

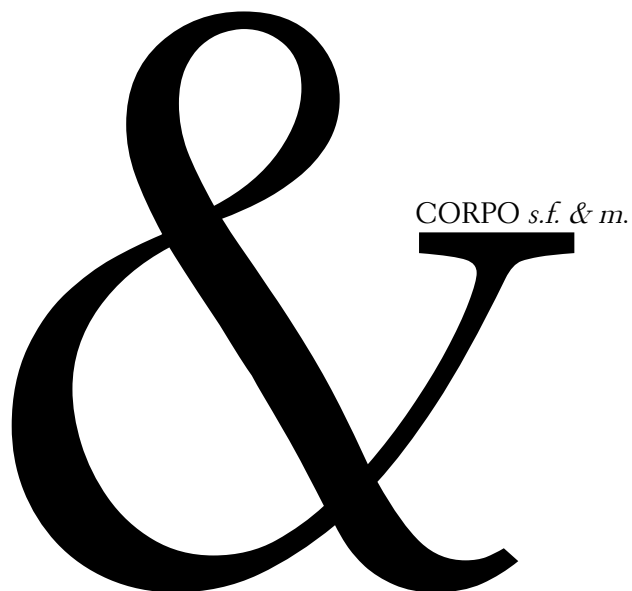
principal não está em dizer a verdade da coisa, senão em fingi-la que seja verossímil e ligada à razão : por cuja causa, e porque o poeta trata mais a universalidade, diz o philó-sopho em seus escritos que muito mais excelente é a poética que a história...|pinciano|

, coisa sem medida, move mil culturas, trouxe a tal ferida, tem talvez a cura, manda o mundo embora, sempre sem saída, largo quando é lida, fez-me pôr pra fora, curva os velhos ossos, cria alguns caroços, fere até metais, segue sem remorso, já manchou meus dentes, veio simplesmente, tece o fim de tudo, é mesmo um filme mudo, traz e leva as dores, come os corpos podres, corre e não espera, acaba o que já era, curto quando é paz, de um choro é demais, velho e tão começo, é o mesmo o tempo inteiro, o dele tem um preço, é feito de dinheiro, rói as grossas grades, é feito de vontades, às vezes mete medo, contra coisa alguma, certo que se esfuma, sem nenhum segredo, farto em tardes quentes, visto frente a frente, eterno no homem morto, deu-lhe algum conforto, breve nesse gozo, sol das soluções, sem nenhum esforço, prega as tradições, errado na partida, guarda os ancestrais, dura toda a vida, passa e nada mais,

para o querido augusto de campos

que a vida  
seja  
smack!  
um livre visgo  
esnhatra estranha  
língua  
slup!  
atiço  
pra ter  
pra zer  
no mundo mesmo sem sentido  
vai ver  
vi ver  
é vruum! incompreendigo:





pois letra tem cabeça e crash! e fêmur : muscula  
ao centro o ok! do entendimento ; é atração sem  
tamanho, são atratores estranhos ; a letra o no fim da  
tarde visitou cinco consoantes e fez pôr do sol ( talvez  
um gol de deus, seu futebol ) fala em curva fresta e  
nhac! incerto : um thump thump! de entre linhas –  
papo reto ; de serifa, tinta, splash! e osso, tem dentes  
tortos, usa óculos e corpo grosso ; a letra tem às vezes  
boom! vanguardas em sua constituinte : e hoje ainda  
vê-se o crack! na escrita do século xx ; em vários  
países, parecem palavras, mas são cicatrizes ; bÍlis  
na palavra com íris – sem fim e sem traça : a letra,  
com graça, quer outra palavra : nem triste, nem feliz  
viver no triz : feliste e trisliz

PÁGINAS DE NOTAS - espaço reservado para você usar como precisar (vai que falta papel...) telefone, endereço, número e horário de ônibus para fazer denúncia - placa de veículo que se julgue ter provocado acidente, demonstração de afeto, apego, tara, lugar pra desabafar, necessidades em geral. AVISO : NÃO OFERECE GRANDE RESISTÊNCIA A LÁGRIMAS...

—> FRÁGIL, PRA CIMA!

o mar sorri ao longe    dentes de espuma,    lábios de céu

| lorca |

2 textos para arnaldo e federico

MAR

*s.f & m.*

parece um pano, faz ondas de todo tamanho, tal qual o pano quando está secando ( seria preciso uma multidão para levar o mar para o varal ) o barco passeia no mar, agora a estampa está se mexendo ; nem tudo o que se mexe tem vida – é como o barco – é engraçado : tem pano que só aparece no fim de semana. o mar não liga pra moda, tem pano que tem flores por fora. o mar sempre guarda um jardim dentro do bolso. o mar ruma a terra o tempo todo ; tem muita espuma no mar porque ele está tomando banho ( o pano já banhou ) a chuva molha o mar e o pano : o pano fica mais pesado ; o mar recebe o emprestado – às vezes o sol vem junto e surge um arco-íris : a gente corre para o pano e se cobre com o mar

CÉU

*s.m & f.*

se brilha azul, se mostra nu, abraça grande, e é muito alto ; se vê daqui, se ouve aqui, com qualquer nuvem pinta quadros ; o céu se biblioteca, se orchestra, se floresta, mas não se justa forma ; se automóvel, se avião, se muda uma cidade, se pra fora ; o céu é maior do que qualquer coisa – é maior que o mais inteiro lugar ( o céu é mais que o mar mais todo mar ) antena de tv, cabelo, prédio, árvore, dedo aponta para o céu – só um beijo amassa o céu ; a gente tem um céu dentro do peito e chama de coração – outro poeta, antigo, chamaria firmamento : agora o céu é massa – céu por cento

o que surgiu primeiro e criou tudo, uns dizem o silêncio – outros o escuro ; não foi boom de big bang brilho puro, nem foi uma explosão chamada deus ; as coisas corpo cosmo e o que nasceu têm bem menos de luz e mais de breu ; repara o natural nesse universo : basta piscar e a noite vem pra perto ; no céu matéria escura por completo ; o sol e um dia só vai se apagar ; tanta lâmpada engana a noite cá, mas a luz cumpre um prazo pra durar ; em breve o truvo volta pro seu ponto mostrando o breuniverso em que me encontro – somente o escuro fica infindo asombro ; o que criou todo esse espaço em curso ( calor e o modo orgânico no mundo ) uns dizem o silêncio – outros o escuro ; parecem ter surgido os dois juntos – um bloco concentrado cego e surdo – e vão permanecer princípio e fim de tudo : começo de um gorgulho, gente ou susto, o impulso do esculêncio ou silenscuro





n ã o

o b s

e r v

e t a

n t o





o b v e r s e

d e

v e z

e m

q u a n d o

a gagueira winston churchill  
não tem graça julia roberts  
tem palavra lewis carroll  
que não passa aristóteles  
é um mistério charles darwin  
lá do cérebro antony hopkins  
ou do peito b. b. king  
sem remédio marilyn monroe  
não fluência george VI  
é engenharia isaac newton  
e a driblá-la napoleão  
eu aprendia virgílio  
interpretando bruce willis  
sendo leve nelson golçalves  
ninguém gagueja m. de assis  
quando escreve thiago e

o hoje não é um pedaço – pouco, não ; deixou de ser parte,  
fração da história, porção : o hoje, maior que ontem, pressa  
e pressão, é tudo de uma vez : peso e asa, brisa e prisão ;  
calça coturno, me chuta a cara, a contenção, e esmurra o  
relógio até ficar sem respiração – o hoje, entulho de futuro,  
erguendo-se em demolição, apenas se desliga se é um útero  
ou só acumulação ; o hoje, baldrame do absurdo, estranha  
construção, se chama já de quanto quão quase tanto tão

# hojá

a seguir, a transletra da canção *a lenda do peixe francês*  
gravada pela banda validuaté - com a participação especialís-  
sima do dublador isaac bardavid, no disco alegria girar | MMIX |  
- viva a dublagem brasileira!



era uma vez um peixe francês,  
soturno e muito triste, se perguntava: será que  
existem maiores mágoas que as minhas  
nestas águas

?



dia após dia,merso em agonia,nadava  
e tudo o que via era a árvore verde

e amarela, na beira do rio



só pensava nela, ainda, a linda borboleta inteira feita de estrelas pretas, que vislumbrou

apenas uma vez e tornou-se o grande amor do peixe francês.





consciência no mundo duravam sempre trinta segundos  
nem  
problemas com amores, pois sua memória e  
o peixe nunca tivera dores





porém, depois de ver aquele ser  
arcanjo rompendo seu castelo

num pulo,

criou idéia fixa na mente. e amor e morte... ah! só sente

!



o peixe leva na lembrança

toda a pujança da paixão

que arde desde aquela tarde.



a borboleta parecia uma  
bela letra

no meio  
de negras constelações e modernos aviões



verão, outono, inverno, primavera,  
e a paz pro peixe não vierá,  
nem nunca mais apareceu a borboleta que o entristeceu.



seu fado. muito tempo tinha passado. a vida seguia, com a alma fria,



mas, eis  
que durante a  
quinta estação do  
ano, o peixe  
avistou um  
ser humano.

assustado, jamais tinha olhado gente. assim, frente a frente.



de clara lua.  
ajudou emnu 'enu  
uma mulher entrou na água,

e o triste peixe percebeu,  
no peito da moça de louça,  
a borboleta de estrelas pretas.





As lágrimas do olho do peixe eram feixes de emoções  
por todos os seus corações.

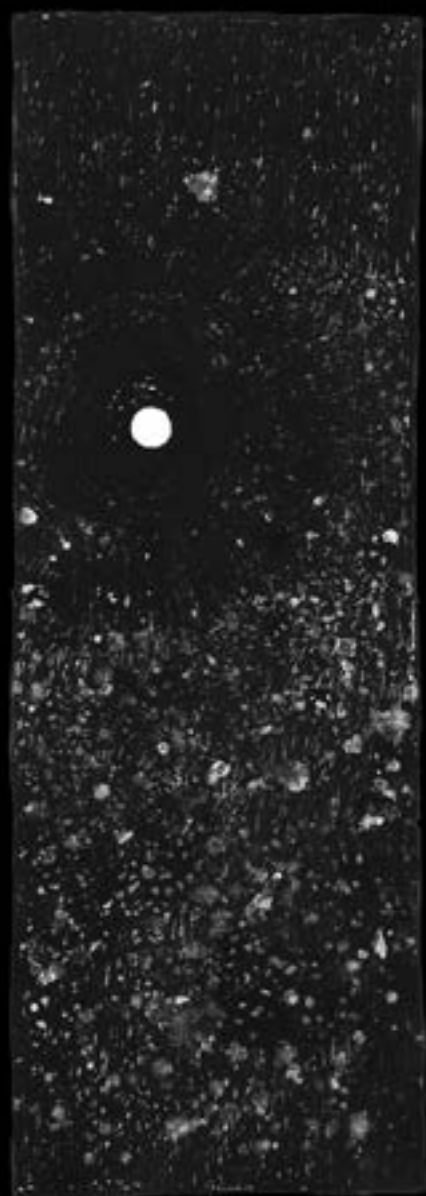
Ele olhava a borboleta mais bela que o som da clarineta mexendo as asas como as algas de sua casa





depois de chorar de alegria e conter o corpo em folia,  
o peixe viu a moça de louça espiando do rio,  
com um riso no canto da boca, achou a vida pouca.

lembrou ser o décimo terceiro mês: época em que todo peixe francês vê seu amor pela última vez



fm

PALAVRÃO

*s.m. & f.*

no poema, arma geralmente ausente : não é comum da poesia fazer alardes ; contudo é preciso considerar o bombardeio cada vez maior de comerciais ; o espaço sempre crescente ocupado pelo anúncio publicitário e a robotização geral e eficiente da propaganda, a fim de tornar a luta ( se é que luta ainda existe ) entre

POESIA vs MERCADORIA PERSUASIVA

mais justa ( se é que justiça ainda existe ) propago meu próprio outdoor com requintes de sedução sensacionalista:

**EXTRA!EXTRA!  
NÃO EXISTE  
PALAVRÃO  
PROPÁROXÍTONA**

numa briga no trânsito, no bar, em casa, ou em outro lugar, numa batalha sem punhos, pedras, armas de ferro ou fogo ( num grande sufoco ) pode-se mesmo ouvir ataques como: boceta, viado, escroto, tabaco, quenga, vadia, puta, caralho – mas proparoxítona e palavrão não tem não : baitola, priquito, porra, cagão, merda, égua, pica, cuzão – mas proparoxítona e palavrão... tudo bem, é fato que há a possibilidade de alguém ser chamado de bêbado, energúmeno, cínico, tísico, frígido... ( porém ofensa mesmo que machuque, atinja a moral e corte ) atacando com proparoxítona, quem se sentiu forte?! ah, carlos, sim, sim, é clara a lembrança da tua fala: lutar com palavras é a luta mais vã. como também é próprio do homem a ilusão, o fingimento, criar mundos que talvez nem façam sentido. escuta a última:

**QUEM FERECOM  
PROPAROXÍTONA  
N ã O V E R Á  
NINGUÉM FERIDO!**

## CHOFRER

v.

palavra que toma de assalto e confirma que é impossível não chofrer ; chofrer não é vocábulo inventado pela xuxa, tampouco uma gíria emo, amiguxo – um xêlo e xuxexo pra voxê ! investigadores atestam que chofrer é angústia úmida ; padecer com as lágrimas do céu ; espécie de dor anfíbia ; quando chofre, qualquer coisa que mário faça vem datada de 1777. defende-se que o chofrimento deve ser guardado para as horas inevitáveis : como quando o homem vai embora : como quando a mulher vai embora : como quando não se vive com o mínimo digno : como quando alguém imprescindível, do nada, morre. depois de chofrer, alguém pode escrever ou fazer outra inutilidade ; ou ter certeza que é perfeitamente possível ser indiferente e concluir que espantar-se com palavras novas é estupidez de quem não tem pobreza pra enfrentar. mas note, por exemplo, o caso de manoel, 90 anos, voz anasalada, manteria constantemente os ouvidos bem abertos :

NOTA DO JORNAL – URGENTE : na tarde de ontem, 14, Manoel, 90, saiu de casa com sensação de vazio na vida à procura de algo ou alguém que lhe fizesse um pequeno fervor : - por fervor, você poderia ajudar? por fervor, eu procuro... falava, sem resposta, aos transeuntes. após tal ato, observou meticulosamente o cachorro de rua ao lado e considerou sobre o estado mental dos brasileiros ; desde então, passou a chofrer toda vez que sovia

## SOPRO NO CORAÇÃO

*s.m. & f.*

esse coração agora se torna uma boca vermelha :  
quer lamber o lado de fora ; quer fazer o que der  
na telha ; esse coração sem parafuso quebrou todas  
as torneiras : quer outro corpo, outro uso – quer  
ser a peça mais inteira ; esse coração feito de fibra  
apenas treme como corda : louco músculo que  
sopra ( carne besta que só vibra ) tal coração-cabeça  
tece uma meta no pensamento ?! ser coração-poeta  
com a vida o vento sendo ?!



para a jornalista neide duarte

*s.f.*

muita gente acha a lesma nojenta ; mas a lesma, ela mesma, não se acha nojenta ; esse pensamento truuu! ( que raio! ) reluzbrilhou no infante kayo. notou o mato molhado, o solo úmido, a natureza, e conversou pra ela : tomara ainda chegue o dia em que ( onde more gente ), em qualquer pedaço de terra com vida acesa, exista alguma beleza de coisa boa ; e essa nojeira entre as pessoas passe a ser apenas... nojeira de lesma





com mayra brandt

*s.f.*

falavam de uma menina com olhos enormes e sujos ; no olho direito, morava longa lombriga que, na barriga, nem cabia – já o esquerdo, voraz urubu beliscava à procura de alguma larva. talvez gostasse de algo no mundo ( todavia, não há relatos de alegria ) mas, se conseguiu gostar, gostou somente-tão da cor : televisão cinema bar. na primavera, suspeitaram que prazer lhe dava a pintura – com telas e quadros, havia algo de fervura ; menina sem enfeite pensaria ser pintora, mas não teve cavalete nem coordenação motora ; as pernas e os braços, de podres paus fracos ; as costas e o peito, de vidros com defeito ; sua pele um amunturalhado de enferrujados pregos : um moço, com pena, a abraçou e ficou cego. conta-se que dela não há o que contar – exceto o ver aquarelas, janelas ao ar ; mentem por aqui, qual marcha militar com tiros de clarim, que menina assim não deve figurar em história ( não dá fama para o escrito ) ; chegam a agradecer se se apaga da memória, do espírito. nela nunca notaram sorriso – não que fosse triste, com grave siso – ou que não sentira felicidade, angústia, vazio, vontade, coragem, calor. desimportou-se com isso : no abstrato não viu cor



...

*s.f.*

você precisa dela : aonde vai a carga no bolso, ou na mochila, ou onde passa o cinto. se for mulher, na bolsa – junto ao que já leva – alguém precisa tê-la para usar o trinco ; o que a constitui não dá pra definir : parece leve pássaro – abrigo por vir, ou é material trum! tum! metal pesado – depende se você manda em tal artefato. seus dentes rosnam sua história de poder ( alguma saberá dizer o que é você ) modelo yale, gorje, tetra – muitas são : forjada pra acabar com o plano do ladrão ; prazer de tê-la à mão e abrir a liberdade – quem é presidiário não segura em chave

para amaral – faixa preta de HQ

!

aquele é o velho cara – lembra que contei-te?  
um certo motoqueiro ( meio arquiteto )  
ergueu berilo 2 com cores e contêineres  
sua casa tem na porta: O KAOS É QUE ESTÁ CERTO

depois de dias e dias, partiu pro hipocampo  
( o atum e a cor lilás fizeram-lhe o convite )  
no mundo objetivo não era um homem livre :  
a hiperfiguração passou a ser seu canto

e lá o velho cara bebe o escarlate  
– por que viver comendo o ARGH! entendimento?  
melhor é ter elétrons truando por dentro

o invariante bege disse à salamandra :  
– aquele ali chegou e trouxe o sol da tarde ...  
... estou evaporando ou não há mais gravidade?

S U P E R B O N D

E R R E S O L V E

F R A G M E N T A

Ç Ã O E P Ó S - M O

D E R N I D A D E



## HIDRANTE

*s.m.*

o hidrante, em guarda, parado – no seu posto de soldado não ostenta um fardamento : se tem poder, camufla em canos pelo centro. sem medalhas nesse peito, a ferrugem vem primeiro ; um vigilante oxidado armado de sonho hidráulico. na cabeça um capacete, dutos, distribuição – funcionário sem salário onde esconde sua razão? por que pra sempre estático? só de água alimentado, abre a boca de incêndio e respira os escapamentos. sei que a chuva lhe visita ; quando não, o sol lhe trinca. se trabalha num insalubre emprego público, por que nunca abandona os infortúnios? veio de um corpo de tropa subordinado aos bombeiros. mas por que jamais retorna pro seu quartel verdadeiro? em silêncio, concentrado, deterá algum estrago? obscuro sentinela tem as peças carcomidas ( permanece e não revela nem a sombra de uma pista ). segreda no lábio ferroso saliva pra língua de fogo? se cogita que ele espera não ver cinzas nessa terra

## TODOS DIZEM EU TE AMO

*s.f. & m.*

woody allen outro dia me apareceu com todos dizem eu te amo ; é claro, logo lembrei de tchecoslovákia, maiakovski, degradingolando e morelembaum. pois bem, desse modo seria no mínimo o máximo : uma pessoa, em estado de pontiaguda necessidade da outra, espera cinematograficamente o exato agora para dizer... ele ou ela respira fundo e diz : como eu te tchecoslovákia! ou alguém sentido-se épico : meu maiakovski por você não tem fim! ou alguém mais hollywoodiano : eu te morelembaum desde a primeira vez que te vi! na praça, um grupo de crianças brinca de ciranda e sorri muito dos últimos versos : o degradingolando que tu me tinhas era pouco e se acabou. roberto carlos faz bastante sucesso com a canção eu te tchecoslovákia : quanto tempo longe de você / quero ao menos lhe falar... eu te tchecoslovákia, eu te tchecoslovákia, eu te tchecoslovákia. assim também como a maisnovaduplasertanejacomsucessodestasemana cantando é o maiakovski: é o maiakovski... que mexe com a minha cabeça e me deixa assim...

devido ao imediatismo utilitário do mundo, demonstrações de afeto estão cada vez mais raras, do tipo : eu sei que vou te tchecoslovakiar... por toda a minha vida eu vou te tchecoslovakiar... ou : só louco... maiakovskiou como eu maiakovskiei ; edições recentes são publicadas com versos como : degradingolador / humor. e de tudo ao meu maiakovski serei atento. e joão tchekoslovakeia teresa que morelembaum os estados unidos que não deixam de degradingolar ninguém. além de, entre outros, tchekoslovakeie e dê vexame ; afinal, morelembaum é fogo que arde sem se ver ; e nunca ninguém teve um gozo borboletográfico sem degradingolando



a lág	a presa
rima	foge
lambe	(ou fica)
o alvo	en
assimil	tre
ando	o
com	max
sal	il
iva	ar
os pas	de pál
sos	pe
(ou pouso)	bras
da presa	...
mas	com
tigada	ida
pel	pel
os cílios	os olhos

o sang

ue seg

ue ceg

o sang

ue seg

ue ceg

o sang

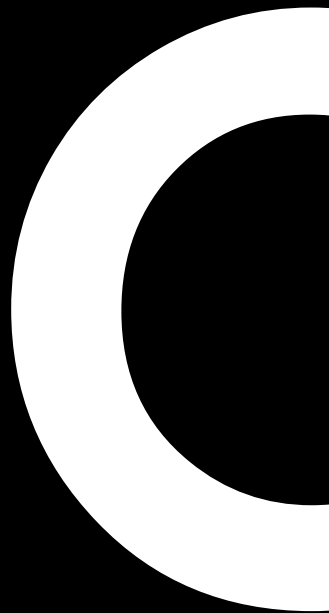
ue seg

ue ceg

o sang

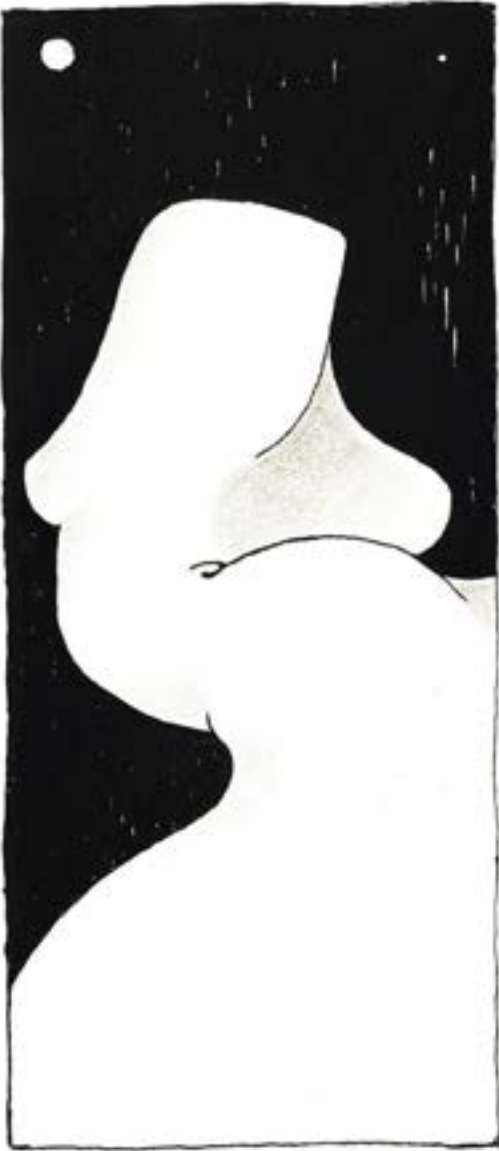
ue seg

ue ceg









é esta sensação de estar  
em predação após  
saída de um acúmulo de  
nos?! ou uma soma que  
brevemente própria vida?!



MANHÃ

*s.f.*

1. diz-se de uma película – de idade indefinida. 2. cinema sem emprego industrial. 3. membrana que reveste as paredes do espaço denominado dia – esse aquário de lâmpadas onde bóia o cérebro do vigia. 4. primeira página ( ou folha do meio : se estiver continuando algum desejo ). 5. caderno de apontamentos – onde se clareiam os nomes, exemplos : mesa copo unguento porta rua centro. 6. não é dimensionada pelo olfato ; tampouco apreendida pelo tato – defendem ser um estalo que precisa ser olhado. 7. a metade do relógio – incandescente ; sua cor não se refere a uma tinta. 8. manhã-usina : e solda as vigas da rotina. 9. acaso que se pode aproveitar ( tê-lo ). 10. quem sabe contemplar o mar vermelho. 11. momento em que não se pensa em obituário. 12. veneno pra vampiro. 13. tiro e caracol. 14. golpe de goela de galo que sangra e acende o sol

FIM

?

trem, entrelivro ou posfácio | por amaral

imediatamente e cedo como um obstáculo chega o trem adiante dele, o abismo. onde começo fui, era a água, a mesma que dilui as coisas que se apagam sem sol, menos a palavra. a letra que rosna, assustada, acuada no escuro serve ao humos, seu degredo, ruído estrelar pra acordar homo-herge. o que ficou preso, dentro dela, são tijolos encadeados, acima da parede, com valência própria e carbonos benzidos em sintaxe igual. o verme da palavra, singrando o muro, anda em trilhos num parágrafo e morre como move o *movie*. de nada serve o juízo se o bom de estar é o verbo banido. qualquer susto é um vício dentro e fora do dito, aqui, sempre lido num dicionário inventado, um visionário interditado. quando alcanço o terraço do degredo, vejo nele um gesto inteiro sem medo do ermo que fixa o quase alvo, que fita o impensado ato de amar, um espaço criado num lugar onde tudo fica, principalmente a vontade e o fogo na liquidez da gente. não comporta no mundo em poucas curvas. as coisas levam com elas o começo e o fim de tudo, mas antes andam por aqui, entre nós e esses símbolos que, embora escritos, não mudam nada ( apenas a mudez semântica ) teimando

serem melhor que o vazio, não conseguimos ser melhor que nosso enigma. a prova do dardo é superar o veneno, a palavra é essa toxina lambida à exaustão, um verbo inconsumível e letal. a escrita, craque no pensamento, reposta em linhas, bebida em traços, triste ou não, é como o sol, consoantes visitadas por vogais e outros monossílabos que, mesmo já ditos, brilham mais do que quando foram. não levo as palavras para muito longe, elas precisam de nossas águas pra chegar ao seu próprio mar. são rios como esses que lavam os dias e as tardes que duram menos que os relógios, porque não saíram da mecânica dos relojoeiros, eles é que foram superados, foram os peixes das horas que o consumiram por toda a eternidade. não me iludo, as borboletas vieram de muito longe. e pra lá retornarão levando com elas o que puderem de nossas vidas, pobres vidas sem borboletas nem papel. líquido que somos, não duramos mais que elas, menos que a lesma, essa letra imersa que põe o peixe em qualquer órbita. o alvo das borboletas é o olho inerte, esse mesmo que, há pouco, era cego. essa estrela que soltou-se do papel, estilhaçou meu

átomo de porcelana que guardava, aqui dentro, com tanto zelo. mais pesada que o mar, ela afunda, é a frase densa com a qual persigo nessas páginas. o céu a multiplica pela boca das vogais e a língua das consoantes. os espelhos se torcem e não se quebram, é o efeito antigo das lesmas que enxergam na pedra seu último horizonte. não sei nada sobre a língua fora o que ela tem de aparência com a letra mais do que com a lesma. quem pariu o verso e o universo que nos valha de peixes, céu, escuro e outros alfabetos. é o jeito ver, não obrigado, olhar. ritmo é cada vez que o olho passa, cada vez que o olho vê. faço com o agora o que faz a tarde comigo, saculejo nesse trem, continuarei aqui, depois que ele passar. não faz muita diferença onde o vão ou o vagão estão na palavra, ela chega de qualquer jeito, ainda que morta. oxítonas no jardim valem mais que nenhuma letra. quem anda em cima do trem não tem cabeça, não escreve certezas nem estúpidas proezas, na caldeira queimam-se neurônios, esse bicho que escorre de um dia pra noite e não se perde na escuridão. há algo lá fora que essa tarde esconde dos jornais. embora não saiba de onde vem o

parágrafo, a boca inteira quer cabê-lo antes do olho. o verme da imagem, que o olho hospeda, alimenta o musgo da ilusão e arde no olho dela a cor da esfinge, que zela pelo vazio. cabeça de sol em cima do trem é uma senha que o invento abriga antes de entregar-se ao foco, por vezes é só a chave do cárcere, tilintando na memória; outras vezes nem é o que parece. o cara que enxerga o trem tem outro no olho, e esse outro, sendo ele, é o próprio discurso desviando da barbárie. o que agrega não é o tijolo nem a massa, é a valência e o carbono, impossível a olho nu, porém exato na liga. no meio de tudo, tem a água o desaglomerante que aglomera, que tem a palavra como metáfora e, às vezes, tu; outras vezes, eu, como o hidrante. tudo isso não é nada diante do que move com sopros o último e o próximo, os cêndidos e os rudes *bits*, o mar de letras que chegam aos tufos do último big bang, regidos por uma ordem que não conheço, porque sou pequeno como o parágrafo que agora finda. o mundo tem muitas belezas e uma delas vem de trem. belezas como letras precisam de tempo pra que se

abracem como dois rios. palavras se tocam, como línguas, se pousam como peixes, se lidam como gente, se lambem como sal, se bóiam como olhos e sóis numa cacimba. já me vou que ainda é cedo, e é assim que devo ir, antes que me enxerguem por aqui, roubando espaços e tempos que não me pertencem. livrem-se vocês desse trem ou o descarrilhem. não esperem por mim, não sei pra onde ele vai, mas sei que não tem cura nem fim. não me resta outra sorte que saltá-lo em movimento. tô arriscando as ribanceiras. vou cair mas vou pular. não teria dito nada. se não, repito o que foi dito.

amaral

porta-voz do hipocampo e segunda pessoa do ><“o”>

este livro não aconteceria sem mayra brandt (por tudo do amor bonito e mais um muito ) | neide ( mãe, te amo – a pessoa mais forte que conheço ) | letícia vitória ( revelou que sou o cabeça de sol ) e kayo arruda ( mestre criança do surpreendente ) | zorro ( pai, bem querer, filmes de ação, academia de musculação ) | joniel veras ( irmão indiano, homoafetividade ) | jorge mautner ( herói das estrelas, escritor-músico, grande artista brasileiro, encontro inesquecível ) | amaral ( espadachim da transubstanciação, joga tinta pra cima e apara no chute, ensinamento às gargalhadas ) | ranieri ribas ( enciclopédia, erudito, roupas e livros ) | quaresma ( parceria mor, irmão da canção ) e vazin, jr, wagner, john ( validuaté e fraternidade ) | demetrios galvão ( onírico, meu outro início, roupas e livros ) | babu souza ( amásio, grafismos, 1ª versão do livro, zs com risos ) | xadai ( retoques pós muito, amizade e design ) | lívia medeiros ( cópias, primeiras versões, amiga e improbidade administrativa ) | edinalva melo ( impressões, cálido cuidado ) | marina vieira & diego iglesias ( início da arte, apoio e outras delícias ) | mardônio frança ( co-editor poeta corsário e força gráfica ) | ana kelma ( apoio e boas conversas ) | sônia moutinho ( bibliotecária e íssimas lasanhas ) | maria do socorro fernandes de carvalho ( depois de ti, meus olhos tentam ser agudos pras palavras e seus rumos – só )



© thiago e, MMXIII

CAPA | amaral

PROJETO GRÁFICO | thiago e

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS | babu sousa | xadai

REVISÃO | mayra brandt

DESENHOS | joniel veras

1a. edição | uma parceria entre o selo **letra6** |pi| e a editora corsário |ce|

editora corsário

caixa postal 6026 - fortaleza - ceará

cep 60440 - 546

www.corsario.art.br | revistacorsario@gmail.com

ficha técnica

EDITOR RESPONSÁVEL | mardônio frança

CO-EDITORIA | katiusha de Moraes

impressão | expressão gráfica e editora ltda.

869.91

E111s E, Thiago, 1986-.

Cabeça de sol em cima do trem/ Thiago E. – Teresina : Thiago e, 2013.  
p. 134

ISBN 978 85 420 0028 3

1. Mixórdia. 2. Literatura brasileira - Poesia 3. Literatura piauiense - Poesia. 4.  
Literatura Moderna. I. Veras, Joniel. II. Título.

CDD 869.91  
CDU 82-94

bibliotecária | Sônia Oliveira Matos Moutinho CRB 3/977

ESTE LIVRO É UM PROJETO DA LEI CULTURAL A. TITO FILHO

este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



aviso aos curiosos que este cabeça de sol  
começou por aqui, passou pelo babu, foi finalizado na casa  
do amaral em noites fantásticas e outras paradas adicionais  
com o xadai. foi impresso em electraLH & century gothic  
nas oficinas da expressão gráfica para a editora corsário  
e para o selo klra**6** em janeiro de MMXIII.



